

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE HISTÓRIA**

GABRIEL ANDRADE OPENKOWSKI

**MEU NOME É CLAUDIO:
A TRAJETÓRIA DE FERNANDO PEREIRA CHRISTINO EM SANTA CATARINA**

CHAPECÓ/SC

2024

GABRIEL ANDRADE OPENKOWSKI

MEU NOME É CLÁUDIO:

A TRAJETÓRIA DE FERNANDO PEREIRA CHRISTINO EM SANTA CATARINA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Machado

CHAPECÓ/SC

2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Openkowski, Gabriel Andrade
Meu Nome é Claudio: A TRAJETÓRIA DE FERNANDO PEREIRA
CHRISTINO EM SANTA CATARINA / Gabriel Andrade
Openkowski. -- 2024.
47 f.:il.

Orientador: Doutor Ricardo Machado

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2024.

1. Santa Catarina. 2. Ditadura. 3. PCB. 4. Fernando
Pereira Christino. 5. Intelectual. I. Machado, Ricardo,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

GABRIEL ANDRADE OPENKOWSKI

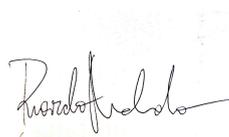
MEU NOME É CLÁUDIO:

A TRAJETÓRIA DE FERNANDO PEREIRA CHRISTINO EM SANTA CATARINA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como para obtenção do título de Licenciada em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em 12/07/2024.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ricardo Machado – UFFS
Orientador

Documento assinado digitalmente
gov.br EDISON LUCAS FABRICIO
Data: 31/07/2024 20:49:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Edison Lucas Fabricio - FURB
Avaliador



Prof. Dr. Antonio Luiz Miranda – UFFS
Avaliador

Me. Gustavo Perez Lemos - IBGE
Avaliador

AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos é realmente a parte mais difícil de produzir uma monografia. Seja pelo fim do ciclo que vem adjunto dessa escrita, ou por toda a memória e pesquisa que foi desempenhado nessas poucas páginas. O fim que era distante, realmente se apresenta com a última etapa desta pesquisa.

Em primeiro momento gostaria de agradecer ao meu professor, orientador e amigo, Ricardo Machado, obrigado pelos 4 anos juntos, pelos debates, conversas e ensinamentos que você vem me passando. Vejo que o menino de 18 anos que entrava na universidade sonhando em estudar sobre a Ditadura Militar, jamais imaginaria onde estaria. Uma conquista que sem você não seria nada, obrigado.

Agradeço ao Sebo e à Livraria Humana de Chapecó. Fernando, Marília e Cassiano, vocês são a resistência como a livraria Anita Garibaldi foi. Obrigado por manterem e desenvolverem um ambiente tão confortável que lembra uma casa. Se a Livraria Anita Garibaldi renasceu ela é Humana.

Agradeço aos meus professores do curso de licenciatura em História em especial: Renilda, Délcio e Bruno que compartilharam os diversos momentos comigo, sendo monitor do curso durante toda minha estadia na Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó.

Agradeço ao professor Humberto e a Professora Kelly, que mesmo sendo de um ambiente totalmente diferente, me acolheram ao Empreende UFFS e me ofereceram oportunidades e ensinamentos que irei levar para a vida toda, obrigado.

Agradeço aos meus amigos distantes que sempre foram meu apoio quando não tinha mais ninguém em quem me segurar, obrigado Brunão, Dudu, Fischer, Bber, Jhony, Ideta, Neko, Jf. Obrigado por serem vocês e sempre me apoiarem, mesmo estando longe e não falando muito, penso em vocês sempre.

Agradeço aos meus amigos e amigas aqui de Chapecó, Isabelle Piaia, Aline Lebens, Diana Dahmer e João Schwartz. Vocês foram o único porto seguro quando eu não tinha mais nada em que segurar, devo minha vida a vocês, obrigado, sempre estarei por vocês.

Agradeço minha mãe Mayley De Oliveira Andrade e minha outra mãe e Tia Eroni Andrade, vocês são minha inspiração, determinação e objetivo, mesmo não demonstrando, o

meu amor por vocês supera qualquer distância e tempo. Obrigado por serem minha família, amo vocês.

Agradeço a minha namorada e companheira Laryssa Rebelatto da Silva, você me salvou quando eu já tinha desistido de tudo, você é a luz e o rumo que sempre quis seguir. Obrigado por ser você, te amar, viver ao seu lado iluminam meu caminho e dão razão ao objetivo que quero traçar, me apaixonar por você é viciante. Te amo

RESUMO

Este trabalho problematiza a trajetória política de Fernando Pereira Christino, conhecido, sob o codinome de Cláudio. Nascido no Rio de Janeiro em 1924, iniciou sua militância na criação de movimentos anti-integralistas e na luta pela anistia dos presos políticos do Movimento Intentona Comunista de 1935. Além disso, Fernando se destacou na organização política, em 1942 ajudou a estruturar um grupo de jovens do bairro Madureira, Rio de Janeiro, pela luta do envio da Força Expedicionária Brasileira à Itália, a fim de combater o nazi-fascismo. Sua atuação o levou a se filiar no Partido Comunista Do Brasil (PCB) em 1944, atuando inicialmente na organização de base em Madureira, a qual viria a se constituir no Comitê Distrital do bairro. Em 1957 foi designado para assumir a direção do Comitê Estadual de Santa Catarina, onde atuou fortemente na organização dos movimentos grevistas na região carbonífera de Criciúma. Depois, visando influenciar nos meios intelectuais da capital do estado, compra e passa a administrar a conhecida Livraria Anita Garibaldi, fundada em 1955, por Salim Miguel e Antônio Carreirão. Nos interessa, nesta pesquisa, especialmente sua atuação como intelectual mediador, como livreiro e dono de gráfica, responsável pela venda e distribuição de material considerado subversivo, ao ponto de nos primeiros dias de abril de 1964, a Livraria ter sido invadida e os livros queimados na Praça Central de Florianópolis. Sua trajetória durante os anos da ditadura ainda carrega muitas dúvidas, já que foi um personagem praticamente esquecido/ocultado. Por isso, este trabalho, pretende problematizar os documentos disponíveis nos arquivos do Brasil Nunca Mais, Memórias Reveladas e Ministério dos Direitos Humanos, visando nos dar visibilidade a este relevante personagem da História intelectual e política brasileira.

Palavras-Chave: História intelectual, Ditadura, Livraria Anita Garibaldi, Fernando Pereira Christino

ABSTRACT

This work discusses the political trajectory of Fernando Pereira Christino, known by the code-name Cláudio. Born in Rio de Janeiro in 1924, he began his activism by creating anti-integralist movements and advocating for the amnesty of political prisoners from the Communist Intentona Movement of 1935. Furthermore, Fernando stood out in political organization; in 1942, he helped structure a group of young people in the Madureira neighborhood, Rio de Janeiro, advocating for the dispatch of the Brazilian Expeditionary Force to Italy to combat Nazi-fascism. In 1944, he joined the Brazilian Communist Party (PCB), initially working in the grassroots organization in Madureira, which later became the District Committee of the neighborhood. In 1957, he was appointed to lead the State Committee of Santa Catarina, where he played a significant role in organizing strikes in the coal mining region of Criciúma. Later, aiming to influence the intellectual circles of the state capital, he purchased and took over the well-known Anita Garibaldi Bookstore, founded in 1955 by Salim Miguel and Antônio Carreirão. Of particular interest in this research is his role as a mediating intellectual, a bookseller, and a printing press owner responsible for selling and distributing materials considered subversive. In the early days of April 1964, the bookstore was invaded, and the books were burned in Florianópolis Central Square. His trajectory during the dictatorship years still raises many questions, as he was a virtually forgotten/hidden figure. Therefore, this work aims to analyze the available documents in the archives of "Brasil Nunca Mais," "Memórias Reveladas," and the Ministry of Human Rights, seeking to bring visibility to this significant figure in Brazilian intellectual and political history.

Keywords: Intellectual History, Dictatorship, Livraria Anita Garibaldi, Fernando Pereira Christino

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIB	Ação Integralista Brasileira
ANL	Aliança Nacional Libertadora
CC	Comitê Central
DOI/Codi	Centro de Operação de Defesa Interna
DOPS	Departamento de Ordem e Política Social
IPM	Inquérito Policial Militar
PCB	Partido Comunista do Brasil
PCUS	Partido Comunista da União Soviética
PLC	Partido Liberal Catarinense
PRC	Partido Republicano Catarinense
T.R.E	Tribunal Regional Eleitoral
UDN	União Democrática Nacional
UCE	União Catarinense dos Estudantes
UNE	União Nacional dos Estudantes
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	CAPÍTULO 1: FERNANDO PEREIRA CHRISTINO	15
2.1	Praça XV e a Livraria Anita Garibaldi	16
2.2	O Comunismo Catarinense	18
3	CAPÍTULO 2: FRAGMENTOS REPRIMIDOS	21
3.1	Livraria do Salim	21
3.2	A Livraria do Partido Comunista	27
3.2.1	O Partido Ilegal que era Legal	28
3.3	O Comunista mais Procurado de Santa Catarina	36
3.4	A Madrugada que durou 21 anos	36
	Conclusão	39
	Fontes	41
	Referências Bibliográficas	42

Hoje, analiso que a minha opção foi acertada, apesar do sofrimento que minha família enfrentou - minhas duas esposas que amei e os oito filhos que amo. Tenho certeza que todos compreenderam a situação que passaram e porque passaram

Fernando Pereira Christino

1. INTRODUÇÃO

Nascido no Rio de Janeiro em 1924, filho de imigrantes portugueses Antonio da Silva Christino, barbeiro, e Maria Rosa Pereira, trabalhadora doméstica, Fernando Pereira Christino iniciou sua militância muito cedo, sob influência dos colegas da escola que tiveram os pais presos devido ao movimento de 1935. No colégio Souza Marques em 1938, foi responsável pela criação de um grupo anti-integralista na escola. Em 1942, estudando no colégio Pedro II, estruturou um grupo de jovens em Madureira, Rio de Janeiro, solicitando o envio de pracinhas para Itália, contra o nazifascismo.¹

Em 1944, com 20 anos, Fernando Pereira Christino entra no Partido Comunista do Brasil (então PCB, antes da cisão de 1961). Estruturou a primeira organização de base no bairro de Madureira, junto do grupo de jovens de 1942. Também organizou adjunto da sede, um clube de futebol, sendo realizado um festival esportivo em homenagem ao jornal do partido, *Imprensa Popular*.²

Em 1948, o partido encaminhou Fernando Pereira Christino para trabalhar na fábrica da firma de Linhas de Cozer Machine Cotton, na rua Borborema, em Madureira. Desempenhando a tarefa de estruturar uma base interna do PCB, após um ano e meio de trabalho. Acabou sendo demitido no ano de 1949, após levar para o trabalho uma reportagem de sua autoria, advinda do jornal do partido, denunciando os abusos e corrupções envolvendo a fábrica.³

Em 1950 foi encaminhado para trabalhar na fábrica de tecidos Confiança, na Vila Isabel. Com uma base já estruturada, organizou uma greve por aumento salarial que teve uma repressão violenta pela polícia. Com diversos grevistas presos e o assassinato de um operário, o nome de Fernando Pereira Christino começou a ser conhecido, escapando por pouco de ser preso durante os dois meses que permaneceu na fábrica.⁴

No fim do mesmo ano, ainda atuou na construção do partido na fábrica de tecidos Moinho Inglês, no bairro da Gamboa. Colaborou em uma das maiores greves do setor têxtil da época. Paralisando os trabalhos por quase 51 dias. Fator que elevou o nome de Fernando Pereira Christino ao Comitê de Greve do PCB.⁵

¹ Idem, Ibid

² Idem, Ibid

³ Idem, p. 19

⁴ Idem, Ibid

⁵ Idem, Ibid

Em 1952, tornou-se Secretário do Comitê Distrital Norte, do Rio de Janeiro. Com os bairros de Tijuca, Vila Isabel, Andaraí e Grajaú sob sua responsabilidade, Fernando Pereira Christino se tornava um quadro muito importante para o partido. No IV Congresso do PCB em 1954, Fernando assumiu posto no Comitê Estadual, na pasta de Organização do partido.⁶

Em contrapartida, em Santa Catarina, o partido vinha tendo sérios problemas internos. Necessitando um pedido de ajuda, pelo Comitê Central, solicitando a vinda de um dirigente para ajudar a reorganizar o PCB no estado:

A situação era de fato ruim', lembra. O secretário político Aldo Sagaz, por exemplo, escapara por pouco de ser jogado através de uma janela pelo irado Manoel Alves Ribeiro (Mimo). Com muita paciência e perseverança, o jornalista "Claudio" (Christino) reconstruiu o partido que, em 1964 contava com uma direção estadual "eleita e funcionando regularmente"⁷.

Em Santa Catarina, Fernando passou a ser conhecido como "Claudio". Se tornou dono da gráfica do Partido; Maria Quiteria, em Florianópolis, tendo um papel fundamental na divulgação e distribuição de materiais considerados “subversivos”. Foi neste período que assumiu as funções de redator pelo jornal *Folha Catarinense* e *A UNIDADE*, principais meios de divulgação da esquerda no estado, além de ser dono da livraria Anita Garibaldi.⁸

Antes de Fernando Pereira Christino, ou Cláudio, aparecerem por Santa Catarina, em 1950, um grupo de jovens catarinenses, revoltados com a literatura, arte e cultura que eram produzidas no estado, resolveram criar o Círculo de Arte Moderna, que viria a ser conhecido mais tarde como Grupo Sul.

Motivados pela necessidade de romper com o que consideravam um ambiente cultural estagnado, os fundadores, liderados pelo escritor Salim Miguel, buscaram revitalizar a cena artística local. O grupo se consolidou como uma vanguarda desafiadora, inicialmente confrontando a elite intelectual local, marcada como Geração da Academia, para, ao longo do tempo, ocupar espaços antes dominados por ela.⁹

É crucial compreender que o modernismo catarinense, desde sua gênese, expressava a necessidade de romper com as artes tradicionais, adotando um discurso que contestava o campo cultural estabelecido como ultrapassado. É essencial perceber como esses jovens movimentaram a cultura em diferentes setores pelo estado, seja pelo Teatro, com diversos

⁶ Idem, p. 26

⁷ idem, ibid

⁸ BRASIL. Ministério da Justiça. Comissão da Anistia. Secretaria de Comissões. *Requerimento de Anistia formulado por Fernando Pereira Christino*. Méier, RJ, 23 Mar. 2004. Assunto: Requerimento nº2002.01.07249 - Fernando Pereira Christino. p.62

⁹ MATOS, Felipe. *Armazém da província: Vida literária e sociabilidades intelectuais em Florianópolis na Primeira República*. 2014. Tese (Doutorado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. p. 35.

espetáculos que encheram os palcos de Florianópolis; pelo Cinema, com a produção do *Preço da Ilusão*, considerado o primeiro filme catarinense, e pela literatura, com livros publicados por uma editora própria.

Contudo, foi com a Revista Sul que esses jovens ganharam maior visibilidade na mídia modernista. Tendo colaborações com diferentes países da América Latina, África lusófona como Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, mas também, com a China, URSS, Estados Unidos, entre outros.

No entanto, é necessário estudar o movimento do Grupo Sul como uma prática moderna intrinsecamente ligada à ruptura com as artes antes instituídas. O modernismo catarinense, ao adotar um discurso que desafia o campo cultural tradicional, é analisado neste contexto em perspectiva a estudos que enfatizam a natureza dispersa e descontínua do modernismo brasileiro.

Este movimento, caracterizado por transformações estéticas nas artes brasileiras, tornou-se possível devido à modernização dos centros urbanos e à emergência de uma cultura cosmopolita desde o final do século XIX. Assim, a modernização urbana iniciada na década de 1920 em Florianópolis não apenas deu origem a uma consciência gradual da modernidade, mas também propiciou o surgimento de um movimento auto intitulado modernista, cuja proposta era romper com as correntes estético-literárias existentes, modificando consideravelmente o panorama cultural da cidade.

Ao se distanciar das produções da Geração da Academia, o Grupo Sul, guiado pelo discurso de ruptura, introduziu duas características inovadoras: a presença técnica ou estética dos aspectos da modernidade em suas criações e o intercâmbio cultural com outras regiões do Brasil e do mundo. Mas o destaque para esta pesquisa está no casal Eglê e Salim Malheiros.

Eglê Malheiros (1923-), Intelectual, escritora, professora, roteirista de cinema, poeta, atriz, colunista, tradutora, multilingue e multi-disciplinar e militante do PCB, foi a única mulher a integrar o Grupo SUL. Nasceu na cidade de Tubarão, Santa Catarina, teve sua vida desde muito cedo ligada à militância política. Seu pai Odílio Cunha Malheiros, além de advogado, foi militante na Revolução de 1930 e proprietário de um jornal ligado à Aliança Nacional Libertadora (ANL), fatores que levaram a seu assassinato.¹⁰

¹⁰ROSA, Maristela da; DALLABRIDA, Norberto. Uma mulher de vanguarda: trajetória social de eglê malheiros. *Revista Estudos Feministas*, [S.L.], v. 22, n. 2, p. 429-447, ago. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2014000200002>. p. 434

Em 1947, era a única mulher da sua turma na Faculdade de Direito de Florianópolis, e mesmo formada escolheu ser professora de História no então Instituto de Educação Dias Velho. Eglê além de todas essas características era um importante quadro para o PCB, tendo sido secretária geral do partido no estado em 1948, além de lançar sua candidatura como Deputada Federal em 1986.¹¹

Salim Miguel (1924-2016), nasceu no Líbano mas logo na infância mudou para o Brasil, e fixou residência com a família em Biguaçu, próximo a Florianópolis.¹² Foi escritor, jornalista, poeta, roteirista de cinema e livreiro. Salim conheceu Eglê em 1945 na sede do PCB, porém, foi durante as produções de espetáculos teatrais pelo Grupo Sul, que o casal começou o romance.

Em 1953, os dois amigos, Salim Miguel e Antônio Carreirão, decidiram criar um ambiente para venda de livros e revistas dentro do café Rio Branco. O café somado à pequena livraria se transformou num ponto de encontro para os intelectuais da época. Perante alta demanda de importantes livros nacionais e de internacionais, além de títulos de tradição marxista-leninista, de difícil acesso naquele período.

Diante do relativo sucesso do empreendimento, possivelmente, em 1955, decidiram alugar um espaço na frente da praça XV de novembro, sendo transformado na sede da Livraria Anita Garibaldi. O local seria a junção perfeita da necessidade da confraternização e troca de ideias tanto cultural como intelectual para aquela sociedade que se modernizava.¹³

Não demorou muito tempo para a livraria se tornar um ponto de encontro e de debate intelectual. O historiador Felipe Matos¹⁴ aponta que a livraria era um ambiente para os pensadores de esquerda, seja pela notoriedade que Salim Miguel alcançou como escritor; com a livraria passando a ser conhecida como “Livraria do Salim”. Contudo, ela começou a gerar prejuízo para os sócios, resultando em dívidas e tornando inviável a gerência por parte dos colegas. Com intuito de manter a livraria funcionando, em 1959 decidiram vender para um amigo em comum, Claudio. Na ocasião, Claudio já havia desenvolvido um entrosamento com intelectuais catarinenses, tanto por sua notoriedade política, quanto por residir na casa de

ROSA, Maristela da; DALLABRIDA, Norberto. Uma mulher de vanguarda: trajetória social de eglê malheiros. Revista Estudos Feministas, [S.L.], v. 22, n. 2, p. 429-447, ago. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2014000200002>. p. 16

¹¹ AUED, Bernadete Wrublewski; CICHACZEWSKI, João Carlos (org.). 100 ANOS DO PC: histórias de comunistas em Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 2022. pg.232

¹² CASTELLO, José. Salim Miguel: A sétima edição do Paiol 2008 contou com a presença de Salim Miguel. 2008. Disponível em: <https://paiolliterario.com.br/salim-miguel/>. Acesso em: 12 maio 2023.

¹³ MATOS, Felipe. Entre Chamas e Labaredas. *Anos 90*. Porto Alegre, v. 25, n. 48, p. 299-326, dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.22456/1983-201X.76581>. p. 308.

¹⁴Doutor em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina

Manoel Alves Ribeiro, o “Mimo”, quadro de destaque do Partido Comunista em Santa Catarina e futuro vereador em 1959.

Contudo, no golpe de 1964, os apoiadores do movimento golpista criaram um clima revanchista diante das transformações da cidade no campo estético e político. A visibilidade de intelectuais de esquerda, a notoriedade dos jovens do Grupo Sul e a presença de uma livraria como Anita Garibaldi, resultou na insatisfação de membros da elite conservadora local.¹⁵

No dia 2 de Abril de 1964, Salim Miguel foi preso a caminho do trabalho na Agência Nacional em Florianópolis, na qual era chefe do escritório e assessor de imprensa do governador Celso Ramos (PSD), enquanto tomava café no Ponto Chic, local de rotineiro convívio. Preso com a acusação de subversão, permaneceu em cárcere por 48 dias.¹⁶ Eglê Malheiros, também foi afastada de seu cargo como professora no Instituto Federal, e permaneceu detida por uma semana, sendo colocada posteriormente a prisão domiciliar por 3 meses.

Um dia depois da prisão de Salim, um grupo de pessoas vandalizaram a livraria Anita Garibaldi, arrancaram os livros das prateleiras e fizeram uma fogueira em frente a praça XV¹⁷, destruindo os livros e atacando simbolicamente um centro de referência cultural e de pensamento à esquerda.¹⁸

O acontecimento do incêndio da livraria é um fato amplamente conhecido, em especial, por aqueles que estudam a história da repressão durante a ditadura em Santa Catarina. Em 2024, momento em que escrevemos este texto, o Brasil comemora os 60 anos do golpe militar e celebra o centenário de nascimento de Salim Miguel. Momento de extrema importância lembrar e falar o que ocorreu no estado durante a ditadura.

Salim Miguel, após seu exílio no Rio de Janeiro, retornou a Santa Catarina. Assumiu distintos cargos públicos, dentre eles, o de diretor da Editora da UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, entre 1983-1991.¹⁹ Em comemoração ao seu centenário, o então diretor da editora Waldir José Rampinelli comenta sobre a livraria e da necessidade de dizer os causadores do incêndio:

[...] que foi incendiada assim que houve o golpe militar de 1964, quatro dias depois jogaram os livros na rua, na praça XV e tacaram fogo, vândalos, ensandecidos,

¹⁵ Ibid, p. 313.

¹⁶ MIGUEL, Salim. *Primeiro de Abril*. Narrativas da cadeia. Rio de Janeiro: José Olympio; São Carlos: EdUFScar, 1994. p. 6.

¹⁷ POPULARES INCENDEIAM LIVROS MARXISTAS NA LIV. ANITA GARIBALDI. *A Gazeta*, Florianópolis, 05 de abr. 1964.

¹⁸ MATOS, 2018, p. 300.

¹⁹<https://salimmiguel100anos.com.br/biografia/>

golpistas militares, extrema direita, e o pior comandado por um professor da UFSC que teve certa liderança: Nereu Do Valle Pereira.²⁰

Nereu do Vale Pereira declarou no dia 4 de junho de 2023, domingo, no jornal *Notícias do Dia (ND)* e no portal *ND Mais*, que: “[...] eu participei para fazer discursos antes do ataque à livraria, onde se reuniam pessoas que defendiam as teorias ditatoriais de esquerda. Comecei o discurso para criar o ambiente, e um colega nosso, ex-comunista, deu início ao incêndio dos livros. [...] eu faria tudo de novo”²¹. No mesmo ano, o governo de Santa Catarina distribuiu um ofício circular na terça-feira, 7 de novembro de 2023, determinando a retirada dos livros da rede estadual de educação. No total, nove livros foram censurados.²²

Em “*Direito à informação e direito à vida privada: os impasses em torno do acesso aos arquivos da ditadura militar brasileira*”, Mariana Joffily evidencia a aparente incompatibilidade entre a reivindicação de acesso irrestrito às fontes da ditadura militar por movimentos sociais e a proteção da privacidade individual.²³ Enquanto no estado se dá destaque a Nereu do Vale Pereira, censura de livros na rede pública e o incêndio da livraria é comemorado, a história da tortura e apagamento da vida de Fernando Pereira Christino é deixada de lado, é esquecida.

Ainda se sabe pouco a respeito da trajetória de Cláudio em Santa Catarina. Em diferentes textos, o nome dele raramente é citado, e quando aparece, somente em notas de rodapé, em frases, muitas vezes, gaguejadas. No caso, do próprio Salim Miguel, em entrevistas realizadas em distintos momentos de sua vida, o nome de Cláudio é evitado. Fato que, em nosso entendimento, justifica esta pesquisa. Afinal, o que faz com que Salim, mesmo no final da vida, se recusasse pronunciar o verdadeiro nome de Fernando Pereira Christino, optando por seu codinome?

Fernando Pereira Christino foi um político-intelectual em Santa Catarina. Enquanto se apresentava como militante comunista, em diálogo constante com as “massas”, permanecia também em interlocução com o meio intelectual de Florianópolis. Cláudio se encaixava no que Jean-François Sirinelli chamou de intelectual mediador: “[...] estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito”²⁴.

²⁰ video rampinelli

²¹ ‘NINGUÉM conhece mais a Ilha do que eu’: Nereu Pereira, a ‘memória viva’ de Florianópolis.

²²<https://exame.com/brasil/governo-de-sc-faz-lista-de-livros-proibidos-e-manda-recolher-de-escolas-publicas-veja-obras/>

²³ JOFFILY, Mariana. Direito à informação e direito à vida privada: os impasses em torno do acesso aos arquivos da ditadura militar brasileira. *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, [S.L.], v. 25, n. 49, p. 129-148, jun. 2012.

²⁴SIRINELLI, *Os Intelectuais*, p. 242

O intelectual mediador, ou, mediador cultural, segundo Ângela de Castro Gomes e Patricia Santos Hansen, são atores estratégicos que permeiam as áreas da cultura e da política, mesmo tendo posição de reconhecimento variável na vida social.²⁵ Claudio se insere nessa perspectiva por ser este comunicador, intermediando assuntos com o partido comunista e estabelecendo um intercâmbio cultural com a intelectualidade catarinense. Esse intercâmbio de ideias, será entendido por Christophe Charle como “homem duplo”. Um interlocutor que divulgaria para o público as novas tendências e descobertas da arte e da ciência. Mas representaria, por meio de sua ação mediadora, a “alta cultura” para uma sociedade mais ampla.²⁶

Através da livraria, do jornal e da gráfica, divulgaria ao público intelectual de Florianópolis os ideais marxista-leninista, o desejo do comando nacional, e as ideias difundidas pela URSS. Enquanto que, como figura política, teria o cargo de disseminar estas ideias para o povo, o trabalhador, a “massa”.

A partir do intelectual mediador, de sua ligação entre os principais meios sociais do estado, adjunto da relação direta à jornais e gráficas, de difusão intelectual por meio da livraria; à qual estava diretamente ligada a agitadores culturais catarinenses, Fernando Pereira Christino se tornava extremamente “perigoso” aos olhos do Estado. Um personagem que não somente liderava o comitê do PC estadual, mas que ameaçava a elite catarinense, que segundo Edison Lucas Fabricio, tinha em Blumenau, desde 1930, um dos principais focos do integralismo brasileiro.²⁷

A partir da compreensão da importância desse indivíduo, buscaremos entender o local em que ele mais atuou, a Praça XV. Espaço de sociabilidade e de efervescência política e cultural nos anos de 1950 e 1960. Além, da própria criação e formação da livraria Anita Garibaldi, a relação do Partido Comunista do Brasil, dos intelectuais do Grupo Sul e dos transeuntes que circulavam por esse ambiente.

O segundo capítulo aprofundaremos a relação de Fernando Pereira Christino como redator dos jornais *Folha Catarinense* e *A Unidade*. Relacionando o fato da Livraria Anita Garibaldi ter ainda nos dias de hoje o destaque de ser a “Livraria do Salim” mas ter sido por anos de propriedade de Cláudio e do Partido. Nessa perspectiva, falaremos sobre a atuação do PCB durante a ilegalidade, tempo em que a atuação do partido tinha muito destaque mesmo

²⁵ GOMES, Angelo de Castro; HANSEN, Patricia Santos (org). *Intelectuais mediadores - práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.

²⁶ Ibid, p. 30

²⁷ FABRICIO, Edison Lucas. *A produção do espectro comunista: imprensa, política e catolicismo no contexto do golpe de 1964*. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2019. p.51

sendo ilegal.

Nos pontos finais da pesquisa, buscaremos a partir de documentos de anistia e relatórios do SNI, como Fernando Pereira Christino se tornou uma das pessoas mais perseguidas no início da ditadura militar em Santa Catarina. Além de entender suas controvérsias e polêmicas envolvendo seus nomes no estado.

CAPÍTULO 1: FERNANDO PEREIRA CHRISTINO

Celso Martins, jornalista e escritor catarinense, falecido no ano de 2018, tinha gana em escrever e descobrir novas histórias. Viveu por mais de 30 anos no bairro Sambaqui em Florianópolis,²⁸ É a partir dele que conseguimos entender melhor sobre Cláudio. Sendo uma das únicas pessoas que entrevistou e deixou registro da trajetória de Fernando Pereira Christino no estado.

Celso Martins foi membro do PCB, tendo entrevistado Fernando Pereira Christino no ano de 2000. Momento em que é possível observar o preenchimento de diversas lacunas que foram tapadas ao longo de anos de história do partido. Mas onde realmente entra Santa Catarina e o Partido Comunista do Brasil na vida desse militante?

Em *História do PCB* (2022) organizado por Lincoln Secco e Luiz Bernardo Pericás conseguimos compreender melhor a formação desse partido, e a relevância que teve em Santa Catarina. "A Gênese do PCB (1918-1930)", o professor Frederico Duarte Bartz apresenta o processo de formação do Partido Comunista do Brasil, destacando sua influência direta nas lutas operárias, sobretudo dos anarquistas que defendiam o sindicalismo revolucionário, oferecendo uma resposta à exclusão enfrentada pela classe trabalhadora²⁹.

Jaci Guilherme Vieira, em sua Dissertação *História Do PCB Em Santa Catarina - Da Sua Gênese até a Operação Barriga Verde -1922 A 1975* apresenta o início da organização do Partido no estado, a partir da construção da ponte Hercílio Luz, pelos anos de 1922 a 1926. Os trabalhadores em sua maioria eram ligados a esse "anarcosindicalismo".

Contudo a formação do partido levou tempo. Sendo somente em 1939, que surgiu a necessidade da formação partidária. Sendo aprovada pelo Tribunal Regional Eleitoral (T.R.E) apenas em 1941.³⁰

²⁸ Ibid

²⁹ SECCO; PERICÁS, pg. 76-77

³⁰ VIEIRA, Jaci Guilherme. *História do PCB em Santa Catarina: da sua gênese até a operação barriga verde - 1922 a 1975*. 1994. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Ufsc, Florianópolis, 1994. p.

[...] o diretório do PCB em Santa Catarina se constituiu oficialmente, através de estatuto, somente em 1939, com a seguinte composição: Oscar Amomm (secretário político), Waldomiro Monguilhot Junior (secretário sindical), Manoel Alves Ribeiro (secretário de agitação e propaganda) e Silvío Marques de Oliveira (secretário de divulgação)³¹.

A sede do PCB em Santa Catarina, em um primeiro momento, esteve situada no centro de Florianópolis, próximo ao Palácio do Governo, mas mudou de local no ano de 1947.³² Época em que o PCB já beirava a ilegalidade, tendo sido transferida para defronte a Praça XV de Novembro.³³

A divulgação jornalística para o partido, tinha o objetivo de educar a população por meio de meios culturais, sendo o principal enfoque dos defensores do anarquismo e do sindicalismo revolucionário, fator que se manteve no partido durante os anos 1950 e 1960.

Assim, próximo a Praça XV era onde se tinha a redação e administração do jornal *Folha Catarinense*, na Rua João Pinto 57. Responsável pela mais regular publicação de artigos e textos em prol do operariado, que funcionava junto ao PCB.³⁴ A *Folha Catarinense* tinha os redatores Antonio de Mello, Samuel Dutra da Silva, Francisco José Pereira e **Fernando Pereira Christino**.³⁵ Ficando a uma quadra de onde era a Livraria Anita Garibaldi, que a partir de 1959 passou a ter a gerência de Cláudio.

2.1 - Praça XV e a Livraria do Anita Garibaldi

O livro “*Praça XV: Espaço e Sociabilidade*” de Lisabete Coradini nos mostra como esse espaço público e urbano, representa muito mais que apenas um ambiente turístico na capital catarinense. Conhecida também como Praça da Figueira, se tornou o coração da cidade. Na praça é possível perceber diferentes grupos sociais, atividades e interesses³⁶. Pensar Florianópolis no período de 1950 a 1960 é bastante intrigante, como Coradini comenta, era uma época de grande efervescência social. Época dos clubes, dos bares, dos programas de rádio, das regatas. Tudo isto tinha uma geografia definida: o centro. Tudo acontecia em torno da Praça central³⁷.

³¹ MARTINS, Celso. *OS COMUNAS: Álvaro Ventura e o PCB Catarinense*. Florianópolis: Paralelo 27, 1995. p. 132

³² VIEIRA, *História do PCB em Santa Catarina*, p. 21

³³ *Ibid*, p. 38

³⁴ *Ibid*, p. 42

³⁵ *Idem*, *Ibid* (grifo nosso)

³⁶ CORADINI, Lisabete. *Praça XV: Espaço e Sociabilidade*. Florianópolis: Editora Teses, 1995. p. 11

³⁷ *Idem*, p. 18

Local de intensa atividade boêmia, era um amplo espaço de conversas e discussões políticas em diversos bares de seu entorno. Frequentada por membros da UDN e PSD³⁸, mas que tinha em suas proximidades a livraria Anita Garibaldi, a sede do PCB e a redação da Folha Catarinense. Um ambiente de tanta movimentação política, justifica a escolha de Cláudio em cuidar da livraria. A Praça XV revelava uma Florianópolis viva, sem medo de se esconder perante as novas ideias e pensamentos, uma potência que acabou levando à queima da Livraria.

Por volta das 18 horas do dia três de abril de 1964, enquanto Salim estava na cadeia e Cláudio preparava a sua fuga da cidade, populares arrombaram as portas da Livraria Anita Garibaldi, que se encontrava fechada desde o dia 1º daquele mês. Segundo a narrativa elaborada pelo jornal *A Gazeta*, de cinco de abril, os agressores retiraram da livraria “todos os livros de literatura marxista” e “puseram fogo em plena via pública sob os aplausos da multidão que ocorreu ao local”. O jornal, solidário ao golpe e porta-voz da UDN, frisou que “o povo florianopolitano deu provas sobejas de sua fibra democrática, extinguindo um foco pernicioso que há anos se instala no coração de nossa Cidade”, uma livraria frequentada “por elementos reconhecidamente vermelhos residentes nesta Capital, que ali faziam o seu ponto de reunião”, em especial funcionários públicos federais, advogados, estudantes e “inúmeros pelegos pagos para propagandear os ideais marxistas-leninistas em nossa Capital, numa afronta aos brios democráticos de nossa gente”³⁹.

O fato da Livraria ser um ponto de encontro cultural e político, se tornou algo corriqueiro. No documentário *Salim Miguel na Intimidade - Maktub*⁴⁰, ao comentar sobre o espaço o mesmo entende a queima como um gesto ignorante por parte dos biblioclastas⁴¹.

Durante alguns anos, Carreirão e eu trabalhamos nessa livraria. Tinha um terceiro sócio minoritário que não aparecia que era o Pere... (Titubeia) o Chefe de Santa Catarina do Partido Comunista, mas [...] a livraria não tinha uma linha política, ela trabalhava com qualquer tipo de livro [...]⁴²

Por ser um documentário mais pessoal, é possível compreender a questão do Salim não querer lembrar de Fernando Pereira Christino, ao ponto de nem mesmo dizer seu nome.

³⁸ Idem, p. 87

³⁹MARTINS, Valmir. O golpe de 64: a participação do grupo civil em Florianópolis. In: DIAS, José de Souza (Org.). *Santa Catarina em perspectiva: os anos do Golpe*. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 138 *apud* MATOS, 2018, p. 15 d

⁴⁰ ZECA, Pires. *Salim na Intimidade - MAKTUB*. [Documentário]. Florianópolis: UFSC, 2012. Dirigido por Zeca Pires e desenvolvido no Núcleo de Documentário do DAC/SECULT/UFSC. O filme começou a ser gravado em 2004, quando o escritor completou 80 anos, e aborda o processo de criação, o Grupo Sul e os momentos íntimos da vida de Salim Miguel, que completou 90 anos. No documentário, há entrevistas do escritor em diferentes épocas e depoimentos de amigos, colegas artistas e intelectuais, parentes e outras testemunhas e participantes de sua história. O filme aborda os enfrentamentos estéticos e políticos, o projeto do primeiro longa-metragem catarinense, o episódio do incêndio da livraria e, claro, o encontro com a esposa, Eglê Malheiros.

⁴¹A fogueira em que são lançados os maus livros constitui a figura invertida da biblioteca encarregada de proteger e preservar o patrimônio textual. Dos autos-de-fê da Inquisição às obras queimadas pelos nazis, a pulsão de destruição obcecou por muito tempo os poderes opressores [...]. A força do escrito é de ter tornado tragicamente derrisória esta negra vontade (CHARTIER, 1998, p. 23).

⁴² ZECA, *Salim na Intimidade*, 19:20-20:10

Todavia, quando analisamos a entrevista do casal Malheiros para a Comissão Estadual da Verdade de 2002, percebemos que no momento de se discutir o trauma e a perseguição que aconteceu durante a ditadura no estado, Salim nega saber o nome de Fernando.

Derlei: quantas pessoas eram sócios da livraria e quem eram?

Salim: Os sócios da Livraria, era esse que faleceu há um ano atrás, o Armando Carreirão, era eu, e um terceiro que não aparecia, que era membro do partido comunista, eram os três sócios da livraria.

Derlei: Era o Galoti?

Salim: Não era o Galoti. O Galoti abriu uma livraria uns anos depois, ele abriu uma livraria, não naquele ponto, ele abriu uma livraria num ponto conhecidíssimo, quase em frente ao cinema.

Marcos: Como era o nome do sócio comunista que não aparecia, como era o nome dele?

Salim: Não sei.

Derlei: O nome de guerra era Cláudio, todo mundo falava com ele, chamava Cláudio. Você lembra o nome dele real? Ele morava em Florianópolis?

Eglê: O nome dele real eu não me lembro.

Derlei: Ele morava em Fpolis?

Eglê: Ele morava numa daquelas ruas que sobe na Bocaiúva.

Derlei: Não era o Dr. Nori?

Eglê: Não, não era o Dr. Nori, ele era funcionário do partido, não tinha outra atividade. [...] ⁴³

A queima da livraria representou muito mais que uma tentativa contrária aos livros de esquerda e marxistas. A relação de Claudio com esse espaço deve ser mencionada e levantada. Os atos de titubear o nome de Fernando tanto no documentário como no depoimento, é outro fator que evidencia um passado traumático.

2.2 - O Comunismo Catarinense

O livro “*A Produção do Espectro Comunista: imprensa, política e catolicismo no contexto do golpe de 1964*” do historiador Edson Lucas Fabricio, busca entender como o anticomunismo se instaurou na cidade de Blumenau, e levou a perseguição e tortura dos membros do PCB.⁴⁴

Quando olhamos Santa Catarina pelos municípios de Itajaí, Blumenau, Brusque, Rio do Sul, localizados em torno do Vale do Itajaí, que tiveram seu desenvolvimento econômico associado à indústria⁴⁵, percebemos pouca organização nesses locais por parte do Partido Comunista do Brasil. Esta dificuldade, está entrelaçada diretamente ao movimento integralista

⁴³ Comissão Estadual da Verdade. (2014). *Relatório Final - Comissão Estadual SC*. Florianópolis, 20 de Novembro de 2014. p. 97-98

⁴⁴ FABRICIO, Edson Lucas. *A produção do espectro comunista: imprensa, política e catolicismo no contexto do golpe de 1964*. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2019.

⁴⁵ VIEIRA, *A HISTÓRIA DO PCB EM SANTA CATARINA*, p.22-23

nestas regiões.⁴⁶ Cidades que na segunda metade do século XIX receberam intensa imigração de italianos e alemães, são historicamente espaços de controle do Partido Republicano Catarinense (PRC)⁴⁷.

O PRC era um partido caracteristicamente oligárquico, congregava lideranças políticas do litoral, nordeste e Vale do Itajaí e tinha na família Konder sua principal expressão. Por outro lado, a partir dos anos 1930, tinha como principal opositor o Partido Liberal Catarinense (PLC), liderado pela oligarquia familiar Ramos do planalto catarinense⁴⁸.

Contudo, a partir da perda do domínio oligárquico no Vale do Itajaí, ocorre uma movimentação por grupos anticomunistas, criando uma brecha ao integralismo e consequentemente a penetração da Aliança Integralista Brasileira (AIB) na região⁴⁹. Desde 1934 a AIB esteve presente em solo catarinense, indo além de apenas amizade com as antigas elites políticas, mas um fascínio pelo integralismo e a similaridade ao fascismos europeus⁵⁰.

Quando houve a greve em 1945 na Empresa Industrial Garcia, considerada uma das mais importantes no sul do Brasil, também ocorre uma manifestação em repúdio ao comunismo, por parte da imprensa⁵¹. Outro caso aconteceu cinco anos depois, em 1950, em uma das maiores greves que Blumenau tinha presenciado até então. E novamente, a mídia local condena a infiltração comunista como responsável por coordenar os grevistas, mesmo não havendo participação dos mesmos⁵².

Apenas em 1960 o comitê do PCB em Blumenau é organizado por Francisco José Pereira, conhecido na imprensa como "o Chico comunista"⁵³. Nascido em Florianópolis, teve o primeiro contato com o PCB a partir da faculdade de Direito, e com 22 anos entrou no partido. Logo após sua formação fora designado junto a Aldo Pedro Dittrich, advogado e quadro importante do PC, à ir para Criciúma colaborar no movimento grevista mineiro⁵⁴. Francisco foi responsável por trabalhar nos processos de demissão sem justa causa, quando o direito de greve era ignorado⁵⁵.

Em 1960, após as atividades em Criciúma, Francisco José Pereira foi para Blumenau organizar o comitê partidário no município⁵⁶. O Inquérito Policial Militar (IPM) analisado por

⁴⁶Idem, *ibid*

⁴⁷ *Ibid*, p. 48

⁴⁸ FABRICIO, A Produção do Espectro Comunista, p.48

⁴⁹ *Ibid*, p. 49

⁵⁰ *Ibid*, p. 52

⁵¹ *Ibid*, p. 56-57

⁵² *Ibid*, p. 60

⁵³ *Ibid*, p. 67

⁵⁴ *Ibid*, p. 68

⁵⁵ *Ibid*, p. 68

⁵⁶ *Idem*, p. 70

Fabrizio, apresenta como a polícia já mantinha seu aparato em cima dos membros do PCB em Blumenau.

O movimento liderado em Blumenau por Francisco José Pereira, Herbert Georg, Erwin Loeschner, Hilton Zimmermann, propagava a ideologia "socialista e comunista" e a subversão da ordem, principalmente em no seio dos trabalhadores, tendo sua missão altamente facilitada pela corrupção administrativa vigente em todo território nacional. [...] O partido comunista dispunha de um jornal, "A Folha Catarinense", que era um dos maiores condutores de desordem, subversão e propagação ideológica comunista. [...] Foram ministradas aulas para todos os simpatizantes sobre o "curso básico do comunismo". Como prova de valor inestimável e que não podem ser refutados pelos indiciados, temos os relatórios e depoimentos do Sr. Horst Krischnegg, a gente R-11 da Dops de Porto Alegre, que conseguiu se introduzir no "comitê municipal de Blumenau" e, durante quase dois anos, testemunhou todas as atividades dos militantes comunistas.⁵⁷

Francisco José Pereira conviveu com Claudio, tanto na juventude durante a década de 1960, quanto nos últimos anos de vida, durante os anos 2000. Os poucos textos encontrados sobre Fernando Pereira Christino são inquiridos de anistia, um de 1989 e outro de 2002. Em relação ao Requerimento de Anistia de 03 de Agosto de 1998, é possível ver um depoimento em prol de Fernando escrito por Francisco José Pereira.

Eu, Francisco José Pereira, abaixo-assinado, ex-presos político, domiciliado nesta cidade, na rua Carlos da Silveira Carneiro 417, declaro para os devidos fins:

- 1) Que o ex-presos político **Fernando Pereira Christino**, em março de 1964, era Secretário geral do PCB em Santa Catarina e suplente da Direção Nacional do Partido (posteriormente membro efetivo) cuja ativa militância era amplamente conhecida e, por isso mesmo, severamente vigiado por policiais da chamada área de ordem política e social;
- 2) Que essa militância incluía também uma intensa participação de **Fernando Pereira Christino** em atos públicos de caráter e natureza populares que, a época, se tornavam mais frequentes e amplos, face ao recrudescimento do quadro político-institucional no país;
- 3) Que embora o declarante residisse e militasse na cidade de Blumenau, onde mantinha intenso escritório de advocacia trabalhista, soube que **Fernando Pereira Christino** - em dias que antecederam o golpe militar de março de 64 - participando de passeata pública em defesa das reformas estruturais propostas pela base político-parlamentar do governo do Presidente João Goulart, foi detido e mantido preso em dependências da Secretaria da Segurança Pública do Estado;
- 4) Que embora essa prisão se estendeu por toda noite, e que **Fernando Pereira Christino** somente fora libertado no dia seguinte sob ameaça de iminente

⁵⁷ Relatório de IPM. Acao Penal 251/64 disponível em:

<http://bnmdigital.mpf.mp.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=BIB_03&PagFis=19581> Acesso em: 10 de Novembro de 2023. (deste ponto em diante apenas referenciado como Ação Penal 251/64) p. 100-105

habeas corpus, então providenciado por intervenção do Desembargador José do Patrocínio Gallotti;

5) Que, consumado logo depois o golpe militar, a caçada policial ao referido dirigente comunista foi uma das mais intensas ocorridas na capital do Estado, conseguindo entretanto dela se escapar; o mesmo não ocorrendo, contudo, com sua família - esposa e numerosos filhos todos menores - que, desprotegida, foi alvo de pressões e abusos policiais com reiteradas invasões de seu domicílio em busca de supostos documentos comprometedores, além do constrangedor isolamento a que ficou exposta - face ao generalizado temor prevalecente à época - e das conseqüentes e duras privações então sofridas;

6) Que o declarante teve o cuidado de rever as edições do mês de março de 1964 do jornal "O Estado" para melhor amparar a presente Declaração, não encontrando nelas, porém, registro sobre a referida passeata; contudo, sabe-se bem, tampouco hoje a imprensa local registra e informa sobre manifestações de natureza semelhante⁵⁸.

No dia 31 de março de 1964, Fernando Pereira Christino estava na sede da UCE, na rua Álvaro de Carvalho no centro de Florianópolis, quando ele e outros militantes escutaram pelo rádio que tropas estavam se deslocando do Minas Gerais ao Rio de Janeiro: era o golpe⁵⁹. Christino ficou um pouco, como Chico Pereira aponta, sob a segurança de José do Patrocínio Gallotti e depois passou para a casa do "Senador" Alcides Ferreira⁶⁰.

Enquanto isso, Luiz Fernando Gallotti, filho de José do Patrocínio, foi até a casa de Fernando "limpar" o que havia de comprometedor, auxiliado pela família apreensiva. Por esse motivo, nada foi encontrado pela polícia que tenha prejudicado outras pessoas. Os documentos anexados a inquéritos policiais mais tarde, vieram de outro lugar. Segundo "Cláudio", eles foram retirados aos poucos da sede do PCB num sobrado na praça XV de Novembro, em cima do restaurante Rosas⁶¹.

A questão dos papéis vem do depoimento dado no livro "*Os Comunas*" de Celso Martins, por Eglê Malheiros "Foi uma enorme irresponsabilidade [...] Na véspera do golpe ele dizia que a situação estava tranquila, que tinha falado com o Rio de Janeiro, não havia o que

⁵⁸ Relatório de Indenização, Fernando Pereira Christino, 03 de Agosto de 1998. Não disponível. p.. 10

⁵⁹ MARTINS, Os Quatro Cantos do Sol, p. 214-215

⁶⁰ [...] por sua pose e sua elegância impecável, ganhou o apelido de Senador, dado por um grupo de amigos que se reuniam com frequência para tomar café e saber das últimas. O Senador ficou célebre pelo modo como degustava seu cafezinho: derramava o líquido no pires para, a seguir, ingeri-lo. Era um gozador emérito, um homem carismático, que cultivava amizades, atraía bordejadores, comentava sobre política e, claro, sobre o jogo do bicho – pelo qual era aficionado. O “espírito da cidade” resiste no nosso velho Senadinho. *Nd+*. Florianópolis, 27 jun. 2023. p. 1-4. Disponível em: <https://ndmais.com.br/cultura/ninguem-conhece-mais-a-ilha-do-que-eu-nereu-pereira-a-memoria-viva-de-florianopolis/>. Acesso em: 10 jul. 2023.‘

⁶¹ Idem, *Ibid*

temer”.⁶² A tranquilidade e a certeza que o golpe não aconteceria, são questões que cada vez mais fazem parte da análise do que aconteceu em 1964.

3 - CAPÍTULO 2 - FRAGMENTOS REPRIMIDOS

3.1 - A Livraria do Salim

A Livraria Anita Garibaldi tem a fundação de seu espaço físico em 1955. Conseguimos ter uma certeza parcial, quando encontramos a notícia no jornal *O Estado* Do dia 12 de Novembro de 1955:

[Figura 1: Já Saiu RÊDE]



Fonte: 1956, O Estado

Conseguimos perceber a presença da livraria como espaço físico na divulgação do livro *Rêde* de Salim.⁶³ O destaque em Salim Miguel nos anos iniciais da livraria, é uma possível resposta pela adoção do apelido “Livraria do Salim”. Pois, mesmo quando deixou de ser o dono, Salim sempre se fazia presente no espaço, atrás de novas aquisições, recomendações, e até mesmo empréstimos pela livraria.

De 1955 a 1958, a partir do jornal *O Estado*, a livraria aparece como centro de movimentação cultural. No ano de 1956, ocorre uma grande influência para a divulgação, e local de compra para o Clube de Cinema de Florianópolis:

[Figura 2: Notícias do Clube do Cinema de Florianópolis]

⁶² MARTINS, OS COMUNAS, p.214

⁶³O romance de estreia de Salim se passa numa então isolada localidade pesqueira de Santa Catarina, Ganchos (atual município Governador Celso Ramos). Na época do lançamento, o crítico Clóvis Moura, no jornal “Notícias de Hoje”, de São Paulo, destaca o conteúdo humano da obra e a construção dos personagens. O trabalho gráfico evidencia a parceria firmada na época entre o Grupo Sul e o Clube da Gravura de Porto Alegre, com a capa sendo criada por Edgar Koetz, enquanto Carlos Scliar assina um retrato do autor do livro. SALIM Miguel 100 anos. 2024. Disponível em: <https://salimmiguel100anos.com.br/obra-completa/>. Acesso em: 07 jun. 2024.



Fonte: 1956, O Estado

Um "Cineclube" com a exibição de filmes premiados vindos da Europa, que tinha apoio da Secretaria Estadual de Cultura, complementa o fato da Livraria ser um intermediador intelectual florianopolitano. Antônio Carreirão, dentro do Grupo Sul, foi um dos responsáveis pela produção do primeiro filme de Santa Catarina *O Preço Da Ilusão* (1957),⁶⁴ outra comprovação da aproximação com o cinema.

Durante os anos de 1957 a 1958, a relação com o Cineclube é o principal destaque das aparições da livraria no *O Estado*. Nesse período, além de convites para participar do cineclube, aparecem resenhas e até uma rifa solidária para construção de uma igreja no Rio de Janeiro.⁶⁵ Um destaque é na Terça-feira, 15 de Abril de 1958, anunciando o comunicado do fim da *Revista Sul*:

⁶⁴ Primeiro longa-metragem desenvolvido em Santa Catarina, desenvolvido pelos jovens do Grupo Sul. SALIM Miguel 100 anos. 2024. Disponível em: <https://salimmiguel100anos.com.br/obra-completa/>. Acesso em: 07 jun. 2024.

⁶⁵ O ESTADO, 1958, p. 11

[Figura 3:Secretaria de Educação e Cultura C Ó P I A]



Fonte: 1958, O Estado

A presença da Livraria permanece em um ritmo constante no jornal *O Estado*, divulgando nos últimos meses de 1958, a nova edição do livro *Sonetos da Noite* de Cruz de Sousa. Apareceu novamente apenas em 1960, com um informe de um curso preparatório para os exames do Artigo 91.⁶⁶ A última aparição acontece apenas em 23 de Junho de 1964, com

⁶⁶Art. 91. Aos maiores de 18 (dezoito) anos será permitida a obtenção de certificado de licença ginásial, mediante a prestação de exames de madureza referentes ao 1º ciclo do curso secundário, após estudos realizados sem observância do regime escolar exigido por este Decreto-lei. Nas mesmas condições permitir-se-á a obtenção do certificado de licença colegial - clássica ou científica - aos maiores de 20 (vinte) anos, portadores do certificado de licença ginásial ou de diploma equivalente. BRASIL. Lei Nº 3.293, de 29 de outubro de 1957. Modifica o art. 91 e revoga os arts. 92 e 93 da Lei Orgânica do Ensino Secundário (Decreto-lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942). Rio de Janeiro, RJ, 1957.

uma transcrição do artigo de Hélio Pólvora para o *Jornal do Brasil*, condenando a prisão de Salim Miguel⁶⁷.

A partir desses apontamentos, conseguimos dividir a livraria em três períodos: “Livraria do Salim” de 1955 à 1959; “Livraria Comunista” de 1960-1964 e Queima da Livraria em 1964. No primeiro período houve uma clara identificação da livraria com o Grupo Sul, evidenciada pela divulgação dos livros de Salim Miguel, sendo o mesmo uma edição da *SUL*, ou por divulgarem um cineclube, que possivelmente vinha de um anseio do meio cinéfilo do grupo.

Antes da criação da Livraria Anita Garibaldi, os jovens do Grupo Sul já agitavam o centro de Florianópolis com jornais e boletins próprios, como a *Cicuta* e *A Folha da Juventude*.⁶⁸ Fator que cria ainda mais dúvidas em relação à “Livraria do Salim”, pois a presença da Livraria não era o ponto principal para a circulação intelectual na área, o Partido Comunista do Brasil já tinha seu próprio núcleo próximo à Praça XV de Novembro. Como lembra Eglê Malheiros:

[...] naquela época o Partido Comunista era legal, e a sede ficava na Praça XV, entre a Farmácia Catarinense da esquina e a outra. Tinha uma sacada grande. O Comitê Municipal era um ponto que congregava as pessoas, não necessariamente pela ideologia, mas porque ali era possível se reunir, conversar livremente, ler jornal do Rio, etc.⁶⁹

Quando Carreirão e Salim começaram com a ideia de abrir uma livraria, em 1952, próximo ao café Rio Branco, o escritor recorda que os amigos já circulavam com uma banca de jornal e revista na Praça XV, mas decidiram ampliar os negócios:

[...] tá na hora da gente abrir uma livraria, porque as duas livrarias que nós temos são boas, mas são tão acomodadas, que não vendem nada diferente. Ele pegou e disse: como é que nós vamos fazer? Eu disse: livraria não temos como? Mas nós temos aqui o Café Rio Branco, nós temos um ponto que ele não usa. Eu penso que se a gente chegar e oferecer pra ele, pra abrir uma banca de jornal e revistas, ele vai nos ceder. Sócio: O que nós vamos dar pra ele? Salim: nós vamos instalar, e vamos dar pra ele o direito dele escolher todo o dia um jornal e escolher uma revista por

⁶⁷Espero que o meu amigo Salim Miguel já esteja solto: o habeas-corpus que iam pedir em seu favor há de ter falhado, porque a instituição caiu de moda depois de abril, mas não falhará decerto a inocência de Salim, Duvido muito que consigam formar a culpa dêsse catarinense, nome de turco mau comerciante: a Livraria Anita Garibaldi, que êle teve na Praça 15 de novembro, em Florianópolis, não resistiu ao lirismo do dono, acabou desfalcada pelo próprio dono, que levava os livros para casa e que ao encomendar livros às editoras do Rio e São Paulo guiava-se mais pelo seu rigoroso gosto pessoal do que pelo gosto do público. Nós amigos de Salim, só lhe reconhecemos a culpabilidade em duas coisas: desde 1955 não nos dá um livro seu e ultimamente andava engordando muito por culpa do frio que faz em Florianópolis. Então, por que o prenderam? De longe acompanho Salim desde 1960, desde os tempos da Revista Sul e das edições Sul, que deram escritores como Guido Vilmar Sassi, A. Boos Jr. e Silveira de Souza; nesse movimento literário que se projetou da provincia por todo o Brasil pontificava Salim Miguel, espécie de conselheiro, intérprete do sentimento de de renovação da turma, crítico, relações públicas, o diabo; tudo isso em função da literatura - um sonho que se desfez em 1958, por que houve deserções, faltava dinheiro e "os que continuavam tão rapazes, tinham outras e mais prementes obrigações na vida". Idem, 1964, p. 6

⁶⁸MALHEIROS, Eglê; MIGUEL, Salim. *Memoria de Editor*. Florianópolis: Escritório do Livro, 2002. p. 21

⁶⁹ Idem, Ibid

semana. Esse vai ser o pagamento. [...] Ai fomos, conversamos com ele, ele disse não: vou aceitar, vou aceitar.⁷⁰

Segundo Felipe Mattos, de propriedade de Euclides Pereira, conhecido Quidoca, o Café Rio Branco, localizado na primeira quadra da Rua Felipe Schmidt, próximo à Praça XV de Novembro, foi um importante local de discussões políticas na década de 1940.⁷¹ O Rio Branco tornou-se também local de encontro do Grupo Sul, que costumava reunir-se em suas mesas para discutir os próximos números da revista.⁷²

A partir de Felipe Mattos, encontramos a transferência do local da livraria. Como anúncio publicitário na “Revista Sul”, pode-se afirmar que a livraria funcionou no interior do Café Rio Branco ao menos entre os anos de 1953 até, possivelmente, o início de 1955. No nº 25 da revista, lançado em maio de 1955, aparece o primeiro anúncio da livraria tendo como novo endereço a Praça XV de Novembro, Nº 27.⁷³

A relação dos sócios da Livraria também é algo a se questionar. Não há nenhuma fonte que fale claramente de uma possível relação conturbada entre Salim e Carreirão. Todavia, em alguns depoimentos Salim Miguel apresenta o sócio como alguém confuso com o foco que a livraria deveria ter: “ [...] tu não achas que está na hora da gente dizer que está cansado de ter banca de jornal e revistas, e abrir uma livraria? Ele disse: eu não acho. Eu respondi: mas eu acho [...]”,⁷⁴ ou em: “Foi o Carreirão quem se deu conta de que estávamos vendendo menos [...] e acabou dizendo: ‘Não temos como continuar. Eu, pelo menos, não quero continuar.’”⁷⁵

Contudo, mesmo com eventuais debates, é certo que a livraria se constitui sendo um marco tanto para Florianópolis, como para as figuras que a frequentaram. Mas o que ainda se torna uma incógnita é: Em que momento a livraria se torna de Cláudio e passa a ser um instrumento de mobilização do partido comunista

3.2 A Livraria do Partido Comunista

O fato da livraria revender livros ditos “de esquerda” para a época, não foi o principal motivo para o incêndio. Em diferentes entrevistas, Salim Miguel ironiza que quando a livraria foi incendiada, queimaram livros cubistas, confundidos com livros sobre Cuba,⁷⁶ Entretanto, essa relação é muito mais complexa do que realmente aparenta ser.

⁷⁰ Idem, p. 96

⁷¹ MATOS, 2018, p. 307

⁷² Idem, p. 308

⁷³ Idem, Ibid

⁷⁴ BRASIL. *COMISSÃO ESTADUAL DA VERDADE PAULO STUART WRIGTH SANTA CATARINA – BRASIL*. Florianópolis: CNV, 2014. p. 96

⁷⁵ MALHEIROS, MIGUEL, 2002, p.60

⁷⁶ MIGUEL, 1994, p. 25

A partir de 1959, quem assume a livraria é Cláudio, “amigo comum” de Salim e Carreirão. Todavia, essa amizade nunca foi muito destacada ou lembrada. É certo que a Livraria passava por problemas financeiros, possivelmente, pela alta demanda de livros que Salim Miguel e Carreirão consumiam para seus acervos particulares. Cabe aqui destacar que Eglê Malheiros era a pessoa mais próxima a Christino, sendo dirigente da seção do Partido em Florianópolis entre 1945 a 1947,⁷⁷ e além de ser um quadro importante do PCB, era esposa de Salim.

Fernando Pereira Christino, em 1959, possivelmente tinha sua única renda vinda do partido, sendo um dos possíveis motivos para Eglê Malheiros indicar a Livraria. Medida para integrar e facilitar o trabalho de distribuição de material subversivos e jornais ligados ao partido como o *A Unidade*.

De propriedade de Aldo Pedro Dittrich,⁷⁸ Advogado e membro da executiva do PCB catarinense, *A Unidade* começou a ser produzida no meio dos anos 1950, época em que o partido já tinha estabelecido a rede de comunicação nacional: *interpress*, responsável pela difusão de informação por grandes e pequenos meios comunicativos.⁷⁹

No final de março de 1957 aparece o periódico *Unidade*, abordando assuntos sociais, sindicais e partidários, dirigido por Aldo Dietrich, nascido em 21 de agosto de 1926 na cidade de Canoinhas e formado em direito na capital em 1954. Como redatores atuavam Samuel Dutra da Silva e **Fernando Pereira Cristino**.⁸⁰ (Grifo nosso)

Fernando Pereira Christino foi um dos redatores do jornal de Dittrich, tendo ingressado possivelmente em 1959, como aponta a edição de 24 de março.⁸¹ Mas algo que se torna questionável é: como ele é mencionado na redação, não usando seu codinome, mas com seu nome real em destaque, em um jornal de circulação quinzenal em Santa Catarina? Período já da ilegalidade do PCB, o secretário-geral do partido estadual não tinha medo? Como era a ação da repressão iminente, que já cuidava de indivíduos como Salim Miguel, Eglê Malheiros

⁷⁷ MARTINS, 1995, p. 183

⁷⁸ LENCINA, Daiana Castoldi. *CAMARADA ALDO PEDRO DITTRICH: TRAJETÓRIA PROFISSIONAL, POLÍTICA E REPRESSÃO (1950-1964)*. 2011. 400 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. p. 48

⁷⁹ O principal jornal ligado aos comunistas era a “Tribuna Popular”, que atinge em 1946 uma tiragem por volta de cinquenta mil exemplares vendidos diariamente, igualando-se aos jornais mais vendidos no período (entre eles, “O Globo”, “Diário de Notícias” e “Correio da Manhã”). [...] O jornal “Tribuna Popular” trazia uma concorrida seção cultural semanal de três páginas. Nela se publicavam autores não filiados ao PCB, mas que, segundo os editores, “divergiam honestamente dos comunistas”. Entre estes estavam Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes e Orígenes Lessa. Eram também publicados textos de escritores comunistas, como Jorge Amado, Graciliano Ramos e Astrojildo Pereira. O nome do poeta Carlos Drummond de Andrade consta entre os primeiros diretores do jornal “Tribuna Popular”. Idem, p. 58-59

⁸⁰ MARTINS, Celso, 1995. p. 192

⁸¹ *A UNIDADE*. Florianópolis, 24 mar. 1959. P.5

e até mesmo Cláudio? Para compreendermos a “Livraria Comunista”, devemos voltar para antes da criação da mesma.

3.2.1 O Partido Ilegal que era Legal

Com a volta da ilegalidade, o PCB catarinense acabou sendo bastante afetado, principalmente com o “fechamento” da sua sede próxima à praça XV de Novembro.⁸² Eglê Malheiros, ficou responsável em 1947 pelo secretariado-geral do partido no estado, mas o problema surgiu em seu substituto, um militante que acabou se tornando um nome, segundo Celso Martins, maldito nos meios mais antigos do partidão catarinense: Aldo José Sagaz.⁸³

Sagaz fez parte da já citada *Folha da Juventude*, e foi junto com Salim Miguel uma das bases da formação do Grupo Sul. Entrou no partido em 1948, e rapidamente chegou ao cargo de secretário-geral estadual.⁸⁴ O problema foi no jeito de gerir o partido: “[...] só queria mandar, chegava numa base e ia ditando as ordens’ Por causa disso entrou em rota de colisão com o próprio Mimo e o advogado Aldo Dietrich”.⁸⁵

Esse desentendimento interno, levou ao partido solicitar ajuda nacional pelo CC: “eu pedi ao Comitê Central que mandasse alguém aqui e eles mandaram o Fernando Pereira Christino, ou Cláudio”.⁸⁶ Ele, ao chegar no estado, já assume a secretaria-geral, e Sagaz é encaminhado para Belo Horizonte.⁸⁷

A chegada de Cláudio em Santa Catarina ocorreu logo depois da realização do IV Congresso do PCB, no início de novembro, [...] Com ele ficaram na direção do PCB o professor José Martins, Mimo, Verzola, Aldo Dietrich, Manoel Job Valentim, além de Bastos, Eglê e sua mãe, Rita Malheiros.⁸⁸

⁸² O fechamento da sede ocorreu, mas quando Mimo assumiu o cargo de vereador, o local onde era a sede o PCB, se tornou seu gabinete, como é apresentado em um dos inquéritos de Fernando:

O denunciado MANOEL ALVES RIBEIRO, vulgo “mimo”, já referido, era o braço direito do Denunciado – FERNANDO PERREIRA CHRISTINO, realizando os contatos com os demais, mantendo escritório no 2º andar de um edifício na principal praça de Fpolis, onde se reunia o PC, com os demais militantes, e o curso de doutrinação marxista ministrado por EGLÊ MALHEIROS, filha de RITA MALHEIROS, esta do DCT juntamente com LAURA FILOCENO e ISRAEL CALDEIRA, conforme a cópia do Relatório anexo extraída do IPM 298, onde havia um Grupo de Onze e grandes atividades com distribuição de farto material subversivo encaminhado à livraria Anita Garibaldi, foco comunista

⁸³ MARTINS, Celso, 1995, p. 183

⁸⁴ Diferente da contemporaneidade, o fácil acesso e cadastramento em partidos e entidades políticas, o funcionamento para entrar no PCB nos anos 1950 e 1960 era diferente. Segundo Celso Martins, naquela época, para entrar no partido, precisava ter recomendação de alguém da base, além de ser conhecido de pelo menos algum dos camaradas. MARTINS, 1995, p. 187

⁸⁵ Idem, Ibid

⁸⁶ Idem, Ibid

⁸⁷ MARTINS, 1995, p. 184

⁸⁸ Idem, p. 185

A conexão agora se torna mais clara, estando na executiva do partido e tendo uma relação direta com Aldo Pedro Dittrich e Eglê Malheiros,⁸⁹ Christino estava completamente inserido na imprensa e no meio intelectual de Florianópolis. Mas o destaque fica para o jornal de publicação mais regular dos comunistas: *Folha Catarinense*.⁹⁰ Criado em 1963 pelo já citado Francisco José Pereira.⁹¹

Chico Pereira fora encaminhado à Criciúma em 1959, permanecendo durante a greve de 1960, a mando da executiva do partido.⁹² No fim do mesmo ano, foi encaminhado para Blumenau para estruturar o partido por lá. Em relação ao *Folha Catarinense*, a questão se repete, nas 16 edições que foram lançadas entre 21 de novembro de 1963 e 26 de Março de 1964, o nome de Fernando aparece como um dos redatores, ao invés de Cláudio:

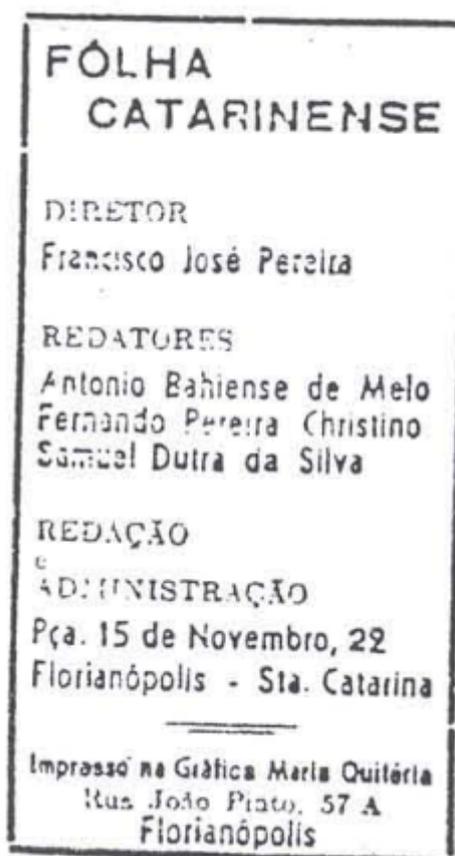
[Figura 4: FÓLHA CATARINENSE]

⁸⁹Novos Dias era uma revista de esquerda que funcionou em Florianópolis durante os anos de 1950. Teve seu na mesma década, porém, em meados de 1961 reapareceu, agora como jornal. Dirigido por Mário Bastos, importante quadro do PCB, além da redação de Cristino e Manoel Alves Ribeiro. Funcionou no mesmo local de redação dos demais jornais do partido, na praça XV de Novembro, nº 24, segundo andar. Idem, p. 192

⁹⁰ Idem, *ibid*

⁹¹ Idem, p. 196

⁹²Idem, 198



Fonte: 1964, Folha Catarinense

Compreender que nos dois jornais comunistas de maior circulação em Santa Catarina, o nome de Fernando está em destaque, torna a utilização do codinome “Cláudio”, usado por Salim Miguel, como desnecessária.

No ano de 1962, o Comitê Central enviou uma carta para Manoel Alves Ribeiro, solicitando sua ida para a URSS para exames, e uma recompensa perante o excelente trabalho no partido e na câmara de vereadores.⁹³ Christino e outros dirigentes acompanharam Mimo, como relatado no livro de memórias *O Caminho* de sua autoria. Durante os dez meses que permaneceu no leste europeu, o destaque é sua volta, onde relata na Câmara Municipal abertamente que foi a URSS:

Na Câmara Municipal, quando ocupei meu posto de vereador, notei nos meus pares uma grande curiosidade em saber como tinha sido minha recepção e estada na União Soviética. Eu trouxe para cada colega uma lapiseira, e para o presidente uma maquete do primeiro navio atômico do mundo, [...] O presidente abriu a sessão e eu tomei a palavra. Mas pelo regimento da casa, cada vereador só dispõe de quinze minutos para falar, e cada vez que eu esgotava esse tempo, era advertido que poderia continuar, pois na mesa da presidência já se encontravam requerimentos dos colegas cedendo-me o seu tempo, o que me permitiu ocupar todo o tempo regulamentar daquela sessão.⁹⁴

⁹³ MARTINS, 2006, p. 206

⁹⁴ RIBEIRO, Manoel Alves. *O Caminho*. Edição do Autor, Florianópolis, 1990. p. 164

Não havia medo ou receio em relação à ilegalidade do partido. Não era necessário usar codinomes em jornais ou esconder uma viagem à URSS. Os comunistas catarinenses não davam importância, perante uma possível repressão, não havia o cuidado da clandestinidade que se teve após os acontecimentos de 1935.

Em Florianópolis, a possível crença em que a rede intelectual modernista e o Partido Comunista do Brasil estavam tão fortes, principalmente tendo Livraria, Redação, Sede partidária e Gráfica em funcionamento ao redor da praça XV de Novembro, local de maior circulação popular da época, justifica esse ponto.

Conduta que se mostrava na figura do quadro mais importante do partido na região: Cláudio. Foi quem assumiu o secretariado-geral do partido no estado e reestruturou o mesmo; se tornou dono da livraria comunista que tinha livros e revistas vindas diretamente dos países socialistas; era redator nos principais jornais de esquerda do estado; foi proprietário da Gráfica Maria Quitéria, responsável por fazer a tiragem de panfletos, documentos, jornais e revistas para o PCB; foi quem ajudou nas greves em Criciúma e que estava na organização dos candidatos de esquerda em Santa Catarina.

A partir dos documentos arrolados dos dois jornais e da Gráfica Maria Quitéria, as atividades começam a perder a clandestinidade a partir de 1959, quando Fernando aparece como redator pela *A UNIDADE*:

[Figura 5: UNIDADE]



Fonte: 1959, A Unidade

Foi 1959 que Fernando também adquire a livraria, é quando ocorre a preparação para as greves de 1960 em Criciúma⁹⁵ é um período de instabilidade política nacional, seja pela presidência de Jânio Quadros, e sua posterior renúncia, adjunta da posse conturbada de Jango em 1961. Possivelmente, em Santa Catarina mesmo na ilegalidade, o PCB entendia que era possível que a revolução chegasse, sendo desnecessário se manter na clandestinidade.

O prontuário IPM/709 sobre Fernando Pereira Christino, mostra um relatório de espionagem desde o ano de 1958.⁹⁶ Acreditamos que o ano de 1959 seja o que gerou aval para a perseguição e cassação dele. Mas, a despreocupação se intensifica na primeira edição do

⁹⁵ MARTINS, 1995, p. 199

⁹⁶BNM_279_20-27, p. 621

jornal *Folha Catarinense*, de 21 de novembro de 1963, que menciona tanto a sede da Gráfica Maria Quitéria como o nome de Fernando Pereira Christino na redação:

FÓLHA CATARINENSE

DIRETOR
Francisco José Pereira

REDATORES
Antonio Bahiense de Melo
Fernando Pereira Christino
Samuel Dutra da Silva

REDAÇÃO
e
ADMNISTRAÇÃO
Pça. 15 de Novembro, 22
Florianópolis - Sta. Catarina

Impresso na Grafica Maria Quiteria
Rua João Piato 57 A
Florianópolis⁹⁷

3.3 O Comunista mais Procurado de Santa Catarina

O *Folha Catarinense* segue funcionando até a data do golpe. Sendo seu último volume o nº 16 de 26 de Março a 2 de Abril de 1964.⁹⁸ Além da constante presença do nome de Fernando Pereira Christino em todas as edições do jornal, conseguimos reparar em diversas listas de livros de uma editora em específico, tendo a Livraria Anita Garibaldi como local para recebimento dos pedidos:

⁹⁷*Folha Catarinense*, 1964, p. 3

⁹⁸Idem, p. 1

[Figura 6: Últimos lançamentos EDITORIAL VITÓRIA]

Últimos lançamentos da EDITORIAL VITÓRIA

TRABALHO ASSALARIADO E CAPITAL, de Karl Marx 2ª edição/Preço Cr\$ 220,00

SALARIO, PREÇO e LUCRO, de Karl Marx 3ª edição/Preço Cr\$ 300,00

Nestes dois trabalhos, Marx apresenta, de forma popular, uma profunda análise teórica das relações econômicas da sociedade capitalista.

A ORIGEM DA VIDA, de A. Opárin 5ª edição/Preço Cr\$ 600,00

A ALBUMINA E A VIDA, de A. Brausteir 2ª edição/Preço Cr\$ 350,00

A resposta científica ao problema do aparecimento da vida em nosso planeta e uma exposição amplamente documentada da função da albumina na organização da matéria viva, apresentadas de maneira acessível pelos dois biólogos soviéticos.

Pedidos

LIVRARIA ANITA GARIBALDI
Praça 15 de Novembro, 27
Florianópolis

ATENDE PELO REEMBOLSO POSTAL.

Fonte: 1963, Folha Catarinense

A Editorial Vitória foi fundada em maio de 1944, com o objetivo de ser um projeto político-editorial do PCB.⁹⁹ Com o intuito de ser um formador de quadros e de divulgação marxista. A editora funcionou por 20 anos e se tornou organicamente a editora oficial do partido até o golpe.¹⁰⁰ Em especial, ela funcionava como instrumento de luta para as livrarias mais afastadas das grandes capitais brasileiras, como foi o caso de Florianópolis.

A editora oficial do Partido Comunista do Brasil além de enviar livros para a livraria Anita Garibaldi, funciona também como distribuidora de jornais e revistas, vindas da URSS e demais países socialistas, como aparece na 5ª edição do jornal:

⁹⁹JUBERTE, Vinicius. *A Editorial Vitória e as Edições Comunistas no Brasil: Da Legalidade ao Golpe (1944-1964)*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 400. 2015. p. 35

¹⁰⁰Idem, p. 356

[Figura 7: NOVEDADES DE MOSCU]

Novidades de Moscu

- * ampla variedade de vida e de povo soviético.
- * suplementos periódicos especiais e grátis.
- * editada em espanhol, francês e inglês.
- * promove concursos, periódicos entre seus leitores, com distribuição de prêmios.

ASSINATURA ANUAL, Cr\$ 780,00

FAÇA, hoje mesmo, uma assinatura, remetendo CHEQUE ou VALOR POSTAL, pagável na praça correspondente.

EDITORIAL VITÓRIA LTDA. Rua Juan Pablo Duarte, 60/anh. —
Caixa Postal 165 70-00 — Fone 22 1813 — IIII — IIII.

JURANDIR GUIMARÃES. Rua 15 de Novembro, 228 s/209 — São Paulo — Capital.

INTULIV. Rua Senador Dantas, 117, sobreloja — RIO — GB.

J. GRECO PUBLICIDADE. Av. Pres. Vargas 425 s/304 — RIO — GB.

LIVRARIA FARROUPILHA. Rua Andrade Neves, 155 s/32 — Porto Alegre — R. G. S.

Fonte: 1963, Folha Catarinense

É interessante notar as demais livrarias e locais além da Editorial Vitória, que se apresentavam como espaços de distribuição das revistas, Vinicius Jubarte a partir de uma análise quantitativa, mostra que esses locais, não estão atrelados diretamente ao partido e a editora, mas também ajudavam na distribuição do conteúdo partidário:

[...] naquele período, para além daquelas livrarias ligadas ao PCB: livrarias Roxy, Itatiaia e das Bandeiras em São Paulo, Agência Farroupilha em Porto Alegre, Livraria Popular de Salvador, Livraria Independência no Rio de Janeiro, Livraria Alaor em Fortaleza, além de uma no Recife. Era possível encontrar livros da editora também na Livraria Brasiliense, Livraria Triângulo e Livraria Calil em São Paulo, e na Livraria Atlântica em Santos.¹⁰¹

Mesmo sendo fundamental para o partido, durante os anos 1950, a editora enfrentou bastante problemas devido ao “Relatório Krushev”.¹⁰² Tendo, segundo Jubarte, uma drástica queda em lançamentos entre os anos de 1957 a 1959.¹⁰³ Contudo, nos anos 1960 ocorre uma

¹⁰¹ Idem, p. 42

¹⁰² O XX Congresso do PCUS é palco para as denúncias do novo secretário-geral do Partido, Nikita Krushev, contra o seu antecessor, Josef Stalin. O “relatório Krushev”, com as denúncias dos crimes do período de Stalin, cairá como uma bomba no movimento comunista mundo afora, levando a rupturas e cisões nos PCs por toda parte. Esse fato levou a uma enorme crise e uma debandada dos intelectuais do PCB, declínio do aparato político-cultural e início da quebra do monopólio do PC sobre o marxismo no Brasil, Idem, p. 315

¹⁰³ Idem, p. 316-317

forte movimentação desencadeada pela revolução cubana, sendo retomado a edição de diversos livros:

Em 1960, animada pela Frente Ampla junto aos trabalhistas e pela ascensão das lutas populares no país, a Editorial Vitória retoma a edição de muitos títulos, sendo 21 nesse ano. É editado, por exemplo, o terceiro volume da Coleção Documentos Políticos, voltado também para as questões nacionais, intitulado Porque os Comunistas Apoiam Lott e Jango.¹⁰⁴

Assim, conseguimos perceber que a relação com o livro era central para o partido. A partir do Editorial Vitória o PCB conseguiu disseminar seu estudo teórico e metodológico com suas traduções e revistas. Desse modo, a necessidade financeira de Cláudio não se apresenta mais como a grande demanda para adquirir a Livraria, mas sim, a necessidade de tomar a frente de um espaço que se consolidava no centro de maior circulação da capital catarinense. A Anita Garibaldi era um local que conseguiu disseminar a literatura e a teoria marxista, mas também dialogar, entender e difundir as ideias do PCB. Cláudio conseguiu desempenhar tão bem o objetivo de reestruturar o partido em Santa Catarina, que não somente alinhou a executiva local, mas transformou a Praça XV, em um amplo de esquerda nos anos 60.

3.4 A Madrugada que durou 21 anos

Com o golpe de 1964, o foco da repressão caiu sobre Fernando Pereira Christino e a Livraria Anita Garibaldi. Eglê Malheiros conta que Cláudio foi um dos possíveis responsáveis pela caça aos comunistas catarinenses:

Foi uma enorme irresponsabilidade [...] Na véspera do golpe ele dizia que a situação estava tranquila, que tinha falado com o Rio de Janeiro, não havia o que temer. Repetia as colocações de Prestes meses antes, de que o Partido Comunista já estava no poder e os boatos de golpe eram espalhados pelos “derrotistas” [...] Passamos a eles as informações sobre a iminência de um golpe. Propusemos que fossem deslocados alguns militantes para o continente. Eles concordaram e chegaram a mandar alguns. Mas no dia seguinte estavam todos de volta à UCE.¹⁰⁵

Em 2001, em entrevista a Celso Martins, Fernando Pereira Christino respondeu, ainda que indiretamente, aos apontamentos de Eglê Malheiros. Confirmou que dia 31 de março, realmente estava em reunião na sede da UCE, e soube pela Rádio do deslocamento das tropas de Minas Gerais para o Rio de Janeiro.¹⁰⁶ Logo foi acolhido pelo desembargador José do Patrocínio Gallotti, também subversivo e alvo do golpe, como aconteceu, passando para a casa do “senador” Alcides Ferreira. Enquanto estava em processo de fuga, Luiz Fernando

¹⁰⁴ Idem, p. 326

¹⁰⁵ MARTINS, 1995, p. 212

¹⁰⁶ Idem

Gallotti, filho do desembargador, foi até a casa de Fernando para “limpar” tudo que havia de comprometedor:

[...] auxiliado pela família apreensiva. Por esse motivo, nada foi encontrado pela polícia que tenha prejudicado outras pessoas. Os documentos anexados a inquéritos policiais mais tarde, vieram de outro lugar. Segundo “Claúdio”, eles foram retirados aos poucos da sede do PCB num sobrado na praça XV de Novembro, em cima do restaurante Rosas.¹⁰⁷

No local onde era a Sede do PCB, Fernando Pereira Christino aponta que: “Diversas anotações de reuniões, rascunhos etc., eram jogados numa lixeira, amarrotados à mão e não queimados como deveria ser. [...] uma mulher que fazia a limpeza da rede. Ela entregava todos os papéis à polícia”.¹⁰⁸ Descuido que passou batido pela executiva do partido, levando à cassação de muitos outros militantes e a má reputação dele em Santa Catarina.

[Figura 8: Panfleto Celso e Doutel Frente]

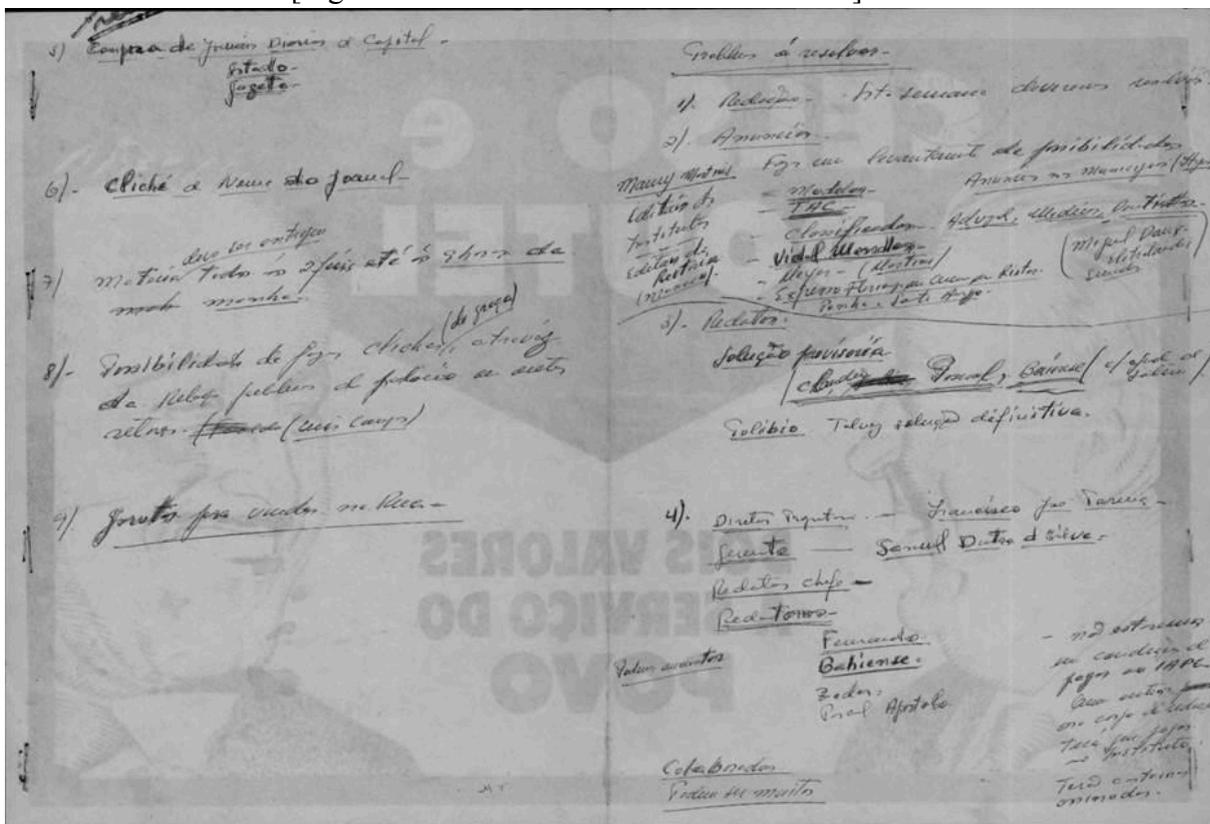


Fonte: 1964, BNM

¹⁰⁷ MARTINS, 2006, p. 215

¹⁰⁸ Idem, Ibid

[Figura 9: Panfleto de Celso e Douzel Verso]



Fonte: 1964, BNM

Para escapar, ele precisou fugir de canoa por debaixo da ponte Hercílio Luz, até São José, onde foi encaminhado por outro membro do partido até Curitiba.¹⁰⁹ No inquérito de anistia de 1998, Christino aponta toda sua experiência com o golpe.

[...] fui preso em fins de março de 1964, em Florianópolis pelo Delegado da Ordem Político e Social, Inspetor Miranda, a mando do Secretário de Segurança, Dr. Jade Magalhães. Fiquei 1 (um) dia preso nas dependências da Secretaria de segurança, pois era jornalista e tinha direito a prisão especial. Fui solto por um Habeas Corpus, impetrado por meus advogados. Felizmente, esta prisão ocorreu antes do golpe de 31 de março e o instrumento jurídico do Habeas Corpus ainda valia para as autoridades policiais.¹¹⁰

A partir da Lei de Anistia de 28 de agosto de 1979, no dia 03/08/1998 Cláudio iniciou a busca pela justiça, tendo em 30/10/1998 a conclusão de uma das suas trajetórias. A diversos documentos arrolados pelo próprio Fernando, que comprovam a justificativa para o recebimento da uma remuneração salarial pelo trauma vivido nos primeiros dias do golpe, além do documento de prisão de 26 de março de 1964, prisão 2 semanas antes de 31 de abril:

¹⁰⁹ Idem, Ibid

¹¹⁰ Relatório de Indenização, Fernando Pereira Christino, 03 de Agosto de 1998. Não disponível.

[Figura 10: Habeas-Corpus Fernando Pereira Christino de 26/03/1964]

STF
Florianópolis
26 Março 1964

Of. N. 061/64

Escrito às 7h30
da 08.10.68
16
P

MM. Dr. Juiz de Direito:

Em atenção ao ofício de Vossa Excelência o qual solicita informações sobre pedido de habeas-corpus impetrado em favor de FERNANDO PEREIRA CRISTINO, tenho a subida honra de informar-lhe que, por medida preventiva, foi o referido cidadão detido, hoje, próximo às vinte e duas horas, por elementos desta Delegacia, em face do ocorrido nos últimos dias, ou seja, visto haver instigado a população de nossa cidade contra os poderes constituídos, ora percorrendo as ruas com a camionete da União Catarinense de Estudantes, que clamava o público a tomar posição face a greve de transportes coletivos, ora agitando o já turbado pensamento da massa do comício realizado à noite em frente a sede da UCE.

Houve assim declarada a infração ao artigo 17 da Lei Nº 1.802, de 5 de janeiro de 1.953 (Lei de Proteção ao Estado).

FERNANDO PEREIRA CRISTINO, é velho militante comunista, já esteve na Rússia, por um ano, conforme fazem prova os documentos n. 1 e 2, tendo tomado parte no XXII Congresso do Partido Comunista da União Soviética em Moscou, saindo sua fotografia no jornal "Novos Rumos", semana de três a nove de novembro de 1961, conforme prova o documento anexo 3.

É inconteste a ação subversiva do referido semanário.

O aludido, ao que tudo indica, não tem condições para ficar, as suas expensas, por um ano, incluindo passagens, em Moscou e outras cidades da Europa.

Recebe volumosa quantidade de livros e revistas exóticas, providas de vários países como a Rússia, China, Alemanha Oriental, etc.

Desde que ficou conhecido desta Delegacia, não tem profissão definida, o que impede de, economicamente, praticar as vantagens acima mencionadas, como o fato de emprender viagens que exigem somas vultosas, pois além de tudo, ainda deve arcar com a responsabilidade de sua família, sendo sua esposa dona CECÍLIA LEOPOLDINA CRISTINO, sendo sua prole constituída de menores TÂNIA, NADIA, KATIA, SANDRA e SERGIO.

Colaborou, algum tempo, escrevendo artigos para o jornal "Unidade", já falido.

Atualmente, não passa de um simples redator do Semanário "Folha Catarinense" que, comera de se esperar pertence a uma ideologia de pura esquerda extremada, consoante

SERVIÇO DE SEGURANÇA POLITICA E SOCIAL

Ao Exmo. Sr. Dr. Anísio Dutra
DD. Juiz de Direito da 1a. Vara Criminal
RESTA.

Fonte: Pessoal, 2023

O documento além de conter a trajetória de Fernando em Santa Catarina, em especial o pré-golpe de 1964, é um dos poucos escritos feitos por ele que se tem notícia. Ao analisar a fonte, percebe-se diversas vezes o retorno ao trauma familiar e o arrependimento da morte precoce de Cecília Leopoldina Christino, sua esposa.

A minha esposa veio a falecer em 1968 de câncer, que teve seu início em 1964 e uma das causas foi o sofrimento por ela passado nos 3 (tres) meses que esteve sozinha de cuidar dos 7 (sete) filhos menores.¹¹¹

A fuga de Fernando Pereira Christino custou deixar a família à mercê da repressão que se instaurava em Santa Catarina, além da falta de recursos para a sobrevivência dos mesmos.

¹¹¹ Idem, Ibid

Felizmente devido a solidariedade de vizinhos e amigos do Morro do Céu, a família pode sobreviver. Apontamentos que fazem questionar comentários a respeito sobre Fernando, como “o único problema é que ele fraquejou”¹¹² ou “Li depoimentos mais tarde e vi que eles entregaram tudo e todos”.¹¹³

Após a fuga de Santa Catarina, Fernando Pereira Christino entra para o Comitê Geral do Partido, no V Congresso Nacional do PCB.¹¹⁴ Estando agora no Rio de Janeiro, passou a observar e administrar as bases estaduais do partido, principalmente os estados do Sul. Todavia, com o aumento da repressão, em 1975 é preso em Curitiba e torturado no Doi-Codi I e II. Sendo solto somente nos anos 1980, com ajuda da reabertura democrática no Brasil.

Em 2002 com a Comissão Nacional da Verdade, Fernando Pereira Christino solicita novamente um pedido de anistia, tendo aprovação em XXXX, se tornando um dos 10 mais bem pagos pela anistia.¹¹⁵ Sua vida posterior à 2002 não tem muitos detalhes. Em conversa com sua filha Nadia Pereira Christino, conseguimos observar que Fernando sempre quis ser lembrado, fator que leva a produção da autobiografia em 2014.

CONCLUSÃO

Fernando Pereira Christino, o Cláudio, era o Secretário Geral do PCB catarinense, mas ele realmente foi o culpado pela cassação de membros do partido nos primeiros dias de abril de 1964? O descuido envolvendo os papéis na sede do partido, foi realmente peça fundamental para a cassação dos comunistas catarinenses? Fernando seria lembrado e celebrado se tivesse colocado seus sete filhos, todos com menos de 15 anos de idade, e sua esposa nas mãos dos militares?

Na atualidade, ainda se mantém presente a dificuldade de abordar o passado traumático vivido durante a ditadura militar. Neste caso, a trajetória de Fernando Pereira Christino se apresenta como um caminho conturbado para a historiografia catarinense. Principalmente por sua figura ser lembrada como um indivíduo que deixou escapar informações para o regime militar. Contudo, sua vida não ficou mais tranquila, tendo se mantido na clandestinidade e enfrentado perseguição policial até o fim da ditadura.

Os motivos de que Eglê Malheiros e Salim Miguel não ligam Fernando a Cláudio ainda é mistério. Não ligam publicamente, talvez por achar que Fernando errou no momento

¹¹² MARTINS, 1995, p. 215

¹¹³ Idem, Ibid

¹¹⁴ Relatório de Indenização, Fernando Pereira Christino, 03 de Agosto de 1998. Não disponível.

¹¹⁵

do golpe? ou por crítica à cúpula do partido, que ele representava? Afinal, Fernando Pereira Christino ajudou a estruturar o Partido Comunista do Brasil em Santa Catarina, conseguiu dar destaque aos comunistas devido a Livraria e a atuação da gráfica e redação ao redor da Praça XV. Foi fundamentalmente um Intelectual-Mediador para a sociedade política que se estruturava em Florianópolis.

Cláudio, mesmo fugindo do estado, não abandonou em nenhum momento Santa Catarina, fator que justifica sua volta para Florianópolis ainda na ditadura.¹¹⁶ Além disso, anos mais tarde, aos 77 anos, retornou para novamente tentar reorganizar o PCB catarinense.¹¹⁷ A falta de empatia daqueles que “delataram” ou “erraram”, perante as torturas e os medos vividos na ditadura, não justificam a falta de empatia ou o menosprezo. O pavor de se tornar um número, de perder sua família e da morte, tomam o lugar da ideologia e da ideia, mas não a matam à fortalecem.

Fernando provavelmente viveu o resto de sua vida lamentando a queima da Livraria Anita Garibaldi, a destruição da Gráfica Maria Quitéria e o fechamento da redação dos jornais que fazia parte. Além, da cassação e perseguição de camaradas de luta, que conviviam e deram espaço para ele e sua família viver em outro estado. Fator que justifica o retorno e o contato que manteve com Santa Catarina, local que impactou não somente sua trajetória, mas sua vida.

¹¹⁶ Martins, 2006, p. 216

¹¹⁷ Martins, Celso, *Militante Reorganiza "partidão" em SC*. AN Capital: Florianópolis, 18 de Março de 2001, p. 3

Fontes

'NINGUÉM conhece mais a Ilha do que eu': Nereu Pereira, a 'memória viva' de Florianópolis. Nd+. Florianópolis, 04 jun. 2023. p. 1-4. Disponível em: <https://ndmais.com.br/cultura/ninguem-conhece-mais-a-ilha-do-que-eu-nereu-pereira-a-memoria-viva-de-florianopolis/>. Acesso em: 10 jul. 2023.'

Ação Penal 251/64 disponível em:

<http://bnmdigital.mpf.mp.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=BIB_03&PagFis=19581>

Acesso em: 10 de Novembro de 2023. (deste ponto em diante apenas referenciado como Ação Penal 251/64) p. 100-105

BRASIL. Ministério da Justiça. Comissão da Anistia. Secretaria de Comissões. *Requerimento de Anistia formulado por Fernando Pereira Christino*. Méier, RJ, 23 Mar. 2004. Assunto: Requerimento nº2002.01.07249 - Fernando Pereira Christino

Brasil Nunca Mais. *Documentos SNI - Inquérito Fernando Pereira Christino - Santa Catarina - FLS 1 à 23*. Florianópolis.

Brasil Nunca Mais. *Documentos SNI - Santa Catarina - Inquérito Fernando Pereira Christino - BNM 279*. Florianópolis.

Brasil Nunca Mais. *Documentos SNI - Santa Catarina - Inquérito Manoel Alves Ribeiro*. Florianópolis.

CASTELLO, José. *Salim Miguel: A sétima edição do Paiol 2008 contou com a presença de Salim Miguel*. 2008. Disponível em: <https://paiolliterario.com.br/salim-miguel/>. Acesso em: 12 maio 2023

CHRISTINO, Fernando Pereira. *Celso e Doutel - Flyer apreendido*. Florianópolis.

Comissão Estadual da Verdade Paulo Stuart Wrigth, *"Relatório Final da Comissão Estadual da Verdade Paulo Stuart Wrigth," Acervo Memória e Direitos Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*, acesso em 10 de julho de 2023, <https://www.memoriaedireitoshumanos.ufsc.br/items/show/769>.

Martins, Celso, *Militante Reorganiza "partidão" em SC. AN Capital*: Florianópolis, 18 de Março de 2001, p. 3

Relatório de Indenização, Fernando Pereira Christino, 03 de Agosto de 1998. Não disponível.

STEGMANN, Carlos. *Uma homenagem a Celso Martins, jornalista, escritor, fotógrafo, historiador e apaixonado por livros*, 15 de Maio de 2023.

ZECA, Pires. *Salim na Intimidade - MAKTUB*. [Documentário]. Florianópolis: UFSC, 2012. Dirigido por Zeca Pires e desenvolvido no Núcleo de Documentário do DAC/SECULT/UFSC.

Referências Bibliográficas

- AUED, Bernadete Wrublevski; CICHACZEWSKI, João Carlos (org.). *100 anos do PC: histórias de comunistas em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 2022. pg.232
- BRANCHER, Ana Lize; LOHN, Reinaldo Lindolfo (org.). *Histórias na Ditadura: Santa Catarina (1964-1985)*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.
- CHRISTINO, Fernando Pereira. *Uma Vida de lutas dedicada ao comunismo: 65 anos de atividades partidárias*. 2015.
- FABRICIO, Edison Lucas. *A produção do espectro comunista: imprensa, política e catolicismo no contexto do golpe de 1964*. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2019.
- FOUCAULT, Michel. *A vida dos homens infames*. In: _____. *Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- GOMES, Angela de Castro *et al* (org.). *Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- JUBERTE, Vinicius. *A Editorial Vitória e as Edições Comunistas no Brasil: Da Legalidade ao Golpe (1944-1964)*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.
- LEMOS, Gustavo Perez. *Mineiros e Sindicalistas na Cidade do Carvão: Criciúma, 1952 - 1964*. Dissertação (Mestrado) - História, Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- LENCINA, Daiana Castoldi. *Camarada Aldo Ditrich: trajetória profissional, política e repressão (1950-1964)*. 2011. 400 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
- MATOS, Felipe. *Armazém da província: Vida literária e sociabilidades intelectuais em Florianópolis na Primeira República*. 2014. Tese (Doutorado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- MATOS, Felipe; CUNHA, Maria Teresa Santos. *Entre chamas e labaredas: histórias de fogueiras de impressos em Florianópolis no século xx. Anos 90*, [S.L.], v. 25, n. 48, p. 299, 11 dez. 2018. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1983-201x.76581>.
- MARTINS, Celso. *OS COMUNAS: Álvaro Ventura e o PCB Catarinense*. Florianópolis: Paralelo 27, 1995.
- MARTINS, Celso. *Os Quatro Cantos do Sol*. Florianópolis: Editora UFSC, 2007.
- MARTINS, Valmir. O golpe de 64: a participação do grupo civil em Florianópolis. In: DIAS, José de Souza (Org.). *Santa Catarina em perspectiva: os anos do Golpe*. Petrópolis: Vozes, 1988. *apud* MATOS, 2018,

MIGUEL, Salim. *Primeiro de abril: narrativas da cadeia*. Rio de Janeiro/Florianópolis: José Olympio/Edufsc-car, 1994.

MIRANDA, Antonio Luiz. *Trajetórias e Experiências do Movimento Operário Sindical de Criciúma - SC: Da Ditadura Militar a Nova República*. Tese (Doutorado) - História, Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

RÉMOND, René (org.). *Por Uma História Política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fgv, 2003.

RIBEIRO, Manoel Alves. *O Caminho*. Edição do Autor, Florianópolis, 1990. p. 164

SECCO, Lincoln; PERICÁS, Luiz Bernardo (org.) *História do PCB*. 1ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2022.

VIEIRA, Jaci Guilherme. *História do PCB em Santa Catarina - Da sua Gênese até a Operação Barriga Verde - 1922 a 1975*. Dissertação (Mestrado) - História, Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.